

## CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TERMOS “NOBRE” E “INDIVÍDUO SOBERANO” NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Lorena Gonçalves Oliveira e Angela Zamora Cilento

**Apoio: PIBIC Mackpesquisa**

### RESUMO

A pesquisa tem por objetivo tecer considerações sobre os termos “nobre” e “indivíduo soberano” na filosofia de Friedrich Nietzsche, sobretudo diante da demarcação desses termos nos três períodos da história de acordo com a sua produção filosófica, classificados como fase pré-histórica, histórica e pós-histórica segundo Gilles Deleuze, de modo a delinear os impactos que esses termos provocaram na história da filosofia. A justificativa, por sua vez, está relacionada à identificação de que o “indivíduo soberano” é considerado como uma figura enigmática na filosofia do autor, tendo aparecido apenas uma vez na obra *Genealogia da Moral*, o que torna necessária a investigação de seu significado na obra do filósofo. Deste modo, considerando que há a necessidade de se promover uma investigação sobre os termos do filósofo e suas interligações, busca, como problemática, responder quais as relações entre os termos “nobre” e “indivíduo soberano” no contexto da filosofia nietzscheana. A pesquisa vale-se do método qualitativo, com base em pesquisas bibliográficas de fontes primárias e secundárias que oferecem suporte teórico ao presente trabalho.

**Palavras-chave:** Indivíduo soberano. Nietzsche. Nobre.

### ABSTRACT

The research aims to make considerations about "noble" and "sovereign individual" terms in Friedrich Nietzsche's philosophy, especially in view of the demarcation of these terms in three history periods according to their philosophical production, classified as prehistoric, historical and post historical phases according to Gilles Deleuze, in order to delineate the impacts that these terms provoked in philosophy's history. The justification, in turn, is related to the identification that the "sovereign individual" is considered an enigmatic figure in the author's philosophy, having appeared only once in "On the Genealogy of Morality", which makes it necessary to investigate its meaning in philosopher's work. Thus, considering that there is a need to promote an investigation into the philosopher's terms and their interconnections, it seeks, as a problem, to answer whether there are relationships between the terms "noble" and "sovereign individual" in context of Nietzschean philosophy. The research makes use of the qualitative method, based on bibliographical of primary and secondary fonts which give theoretical support to this present work.

**Keywords:** Nietzsche. Noble. Sovereign individual.

## 1. INTRODUÇÃO

As considerações sobre os termos “nobre” e “indivíduo soberano”, sob a perspectiva filosófica nietzscheana, fazem exsurgir questionamentos sobre suas origens nos escritos do filósofo, de modo a compreendermos em que medida as duas figuras se relacionam ou não.

Ao investigarmos a filosofia de Nietzsche, é possível depreendermos que há em seu pensamento a elaboração da constituição dos elementos supracitados, ancorados no seu percurso filosófico, ou seja, no aparecimento do termo “nobre” desde *A Origem Da Tragédia* (1872) e outros escritos do seu período de juventude até as publicações de *A Genealogia da Moral* (1887) e *Além de Bem e Mal* (1886), escritos de sua maturidade. É na maturidade do filósofo, inclusive, que o termo “indivíduo soberano” aparece, uma única vez, na referida obra *A Genealogia da Moral* (1887).

Uma vez estabelecida a premissa de interligação entre os dois conceitos, haja vista que ambos estão presentes na fase madura do pensador, é de suma importância identificarmos quais características permeiam a edificação de cada um dos dois termos, porque embora se aproximem, não são idênticos.

O nosso problema de pesquisa, portanto, se debruça sobre o estabelecimento das relações entre os termos “nobre” e “indivíduo soberano” no contexto da filosofia nietzscheana. Nesse sentido, primeiramente, nossa investigação incidirá sobre a possibilidade ou não de, mediante a análise das obras de Nietzsche, no que tange aos dois termos supracitados, compreender suas interseções.

Em segundo, a partir da pesquisa bibliográfica, demarcaremos a formulação destes termos à luz daquilo que concerne às fases do pensador (juventude, intermediária e madura), isto é, como cada conceito é compreendido ao longo de sua produção filosófica, quanto daquilo que provém das análises do pensador sobre a história em seus três períodos – pré-histórica, histórica e pós-histórica, conforme nos esclarece Gilles Deleuze (vide nota).

O termo “nobre” advém dos estudos do pensador em filologia clássica e posteriormente, no traçado do perfil psicológico do Senhor e do Escravo, conforme verificamos na *Genealogia da Moral*. Em *Para Além de Bem e Mal*, há um capítulo inteiro dedicado a este termo:

O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abonado, ele julga: 'o que me é prejudicial é prejudicial em si', sabe-se como o único que empresta honra às coisas, que cria valores. Tudo o que conhece de si, ele honra: uma semelhante moral é a glorificação de si. Em primeiro plano está a sensação de plenitude, de poder que quer transbordar, a felicidade da tensão elevada, a consciência de uma riqueza que gostaria de ceder e presentear – também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não ou quase por compaixão, antes por um ímpeto gerado da abundância de poder. (...) que tem poder sobre si mesmo, que entende de

falar e calar, que com prazer exerce rigor e dureza consigo e venera tudo o que seja rigoroso e duro. (...) A profunda reverência pela idade e pela origem – todo o direito se baseia nesta dupla reverência – a fé e o preconceito em favor dos ancestrais e contra os vindouros são algo típico da moral dos poderosos. (...) O que faz uma moral dos dominantes parecer estranha e penosa para o gosto atual.<sup>1</sup> (NIETZSCHE, 2005, p. 155)

O termo “nobre” é cunhado a partir dos seus estudos de Nietzsche em filologia, sobretudo os gregos homéricos e se estende para as obras de maturidade, antagonizando-se com a filosofia clássica tecida a partir do fenômeno socrático-platônico, com a tradição metafísica e de modo especial, com a filosofia utilitarista, que aos seus olhos, tornam o homem medíocre e incapaz de suportar as vicissitudes da vida.

Por seu turno, podemos empreender quais as semelhanças com o termo “indivíduo soberano” – este diz respeito a alguém portador de uma vontade forte, completamente singular e diferenciado dos demais, alguém que não se cristaliza, está sempre em mutação, alguém que detém poder sobre si mesmo e sua própria história.

Vejamos em *A Genealogia da Moral*:

mas coloquemo-nos no fim do imenso processo, ali onde a árvore finalmente sazona seus frutos, onde a sociedade e a moralidade do costume trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio (...) o indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo, (...) que olha para os outros a partir de si.<sup>2</sup> (NIETZSCHE, 2009, p. 44-45)

Enquanto o termo “nobre” está ligado à história – em especial, elucidado à luz dos homens dos tempos homéricos na Grécia, o de “indivíduo soberano” está ligado a pós-história, não deve ser desarticulado das relações entre os períodos que a antecederam, isto é, as fases pré-histórica e histórica.<sup>3</sup>

Alexandre Filordi de Carvalho nos auxilia nesta compreensão: ele é produto da supressão da moral que faz luzir uma nova estética da existência:

Ele é o tom suspenso, sempre suspenso, perante o homem adestrado, confinado nos infinitos rebanhos, doente de si mesmo, cuja moral inocula a estagnação de forças plasmadoras da vida. A esse soberano cai bem a irresponsabilidade. Não que não seja responsável por seus atos, mas não está ela ajustada para dar razão às vozes dos tribunais, dos costumes, das leis tidas *desde sempre*. (CARVALHO, 2003, p.138)

<sup>1</sup> Seguindo a recomendação das indicações internacionais realizadas por Colli e Montinari, colocaremos o título da obra em alemão, em seguida a sigla em português e o aforismo correspondente. NIETZSCHE, F. JGB/BM, 260.

<sup>2</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM II, 2.

<sup>3</sup> Gilles Deleuze em *Nietzsche e a Filosofia* nos explicita que a fase pré-histórica é o período mais longo da cultura, consiste em realizar o maior trabalho do homem para consigo mesmo, isto é, a saída ‘do bicho-homem’ para um ‘ser capaz de fazer uma promessa’ – a saída do homem como um ser de natureza para um ser de cultura. A fase histórica empreende todo o processo civilizatório e a pós-histórica objetiva produzir um homem que pode “dispor de seu futuro, um homem livre e poderoso.” (DELEUZE, 2018, p. 62-68).

É exatamente neste ponto que nossa pesquisa intenta contribuir. Nietzsche se revela como um dos grandes teóricos da cultura, o que implica em considerarmos as severas críticas quanto aos valores e aos rumos da história do ocidente, de modo que o esclarecimento destes conceitos se tornam seminais para a compreensão de importantes chaves-de-leitura de sua filosofia de modo mais rigoroso e sistemático.

Neste contexto, cabe destacarmos especialmente a abordagem dos termos “nobre” e “indivíduo soberano” na obra do filósofo, uma vez que suas formulações sobre o homem e seus vislumbres para uma vida do agir-livre podem colaborar para a consolidação de percursos filosóficos relevantes à construção do sujeito pós-metafísico.

Por consequência, exsurge o ponto de interseção entre os dois termos, sobretudo ao analisarmos *A Genealogia da Moral e Além de Bem e Mal*. Diante disso, é possível observarmos se as fundamentações tecidas pelo filósofo sobre o primeiro termo podem ser estendidas para melhor compreensão do segundo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO.

### 2.1.O Tipo “Nobre” Na Filosofia De Nietzsche

Friedrich Nietzsche, antes da elaboração do método genealógico, enquanto filólogo de formação, investiga as relações entre as origens etimológicas dos sentidos sociais de “nobre” e de “aristocrático” impressos na linguagem. Examina os termos ‘bom’ e ‘mau’ em diversas línguas sob vários sentidos: o fisiológico, o social, o moral, o religioso e o psicológico e de como estes termos se coadunam com a hierarquia social: os senhores em oposição aos plebeus. O ‘nobre’ está sempre ligado ao aristocrático e se coloca em oposição ao homem comum, mentiroso e covarde. Tais relações se efetivam quando da genealogia:

A indicação do caminho certo me foi dada pela seguinte questão: que significam do ponto de vista etimológico as designações para “bom” cunhadas pelas diversas línguas? Descobri então que todas elas remetem à mesma transformação conceitual – que em toda parte, “nobre”, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito básico a partir do qual necessariamente se desenvolveu “*bom*” (Gut), no sentido de “espiritualmente nobre”, “aristocrático”, de “espiritualmente bem-nascido”, “espiritualmente privilegiado”: um desenvolvimento paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “*ruim*” (Schlecht). (NIETZSCHE, 2009, p. 18) <sup>4</sup>

Em outros termos, a genealogia ao partir destas investigações filológicas e destas relações estabelece, não uma única origem para os valores, mas uma dupla gênese – há uma moral de senhores e uma moral de escravos, que atestam sua fisiologia – seu vigor e força

---

<sup>4</sup> NIETZSCHE, F. GM I, 4

para enfrentarem o caos e a imprevisibilidade da vida. Esta dupla origem dos valores e a questão que se estabelece – qual é o valor dos valores? – Este é o cerne da obra *A Genealogia da Moral*. É sob esta nova perspectiva que a genealogia se opõe às morais generalizadoras que pregam apenas uma única origem para os valores. Assim, estabelece-se a distinção entre dois tipos de homem e suas respectivas morais: a do senhor e a do escravo – e acrescenta que no homem moderno há uma coexistência destas duas morais.

Numa perambulação pelas muitas morais, as mais finas e as mais grosseiras, que até agora dominaram e continuam dominando na terra, encontrei traços que regularmente retornam juntos e ligados entre si: até que finalmente se revelaram dois tipos básicos e uma diferença fundamental sobressaiu. Há uma moral dos senhores e uma moral de escravos; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais, e, com maior frequência, confusão das mesmas e incompreensão mútua, por vezes, inclusive dura coexistência – até mesmo num homem, no interior de uma só alma. (NIETZSCHE, 2005, p. 84)<sup>5</sup>.

Para tanto, o pressuposto fisiológico e psicológico para apreciação dos valores é a 'ótica da vida'. Não há valor maior que o valor da vida – os tipos são definidos a partir da exaltação ou negação da própria vida. A moral do senhor abriga o termo 'nobre' - alguém que é forte, vigoroso ou ainda, aquele que se deleita com a própria existência, pois é munido de amor-próprio e aprecia suas ações e seus feitos. A primeira característica da moral do senhor se encontra em estreita relação com a vida que é entendida como gratuidade, como um presente. O termo 'nobre' denota todas as indicações para o homem homérico e para todas as raças guerreiras: o 'nobre' é poderoso, não apenas na questão de classe social, mas no sentido de uma presença marcante e uma saúde forte, de alguém que pretende expandir-se o quanto pode – a ânsia pelo domínio exprime uma parcela de sua força, é forte o bastante para suportar o devir e, mesmo diante do caos, da desgraça e do sofrimento não acusa a vida, não se esconde, nem se ressentem com ela. O senhor não imputa à vida uma acusação porque não necessita se expiar pela finitude, pelo contrário, celebra sua existência como objeto de gozo, afirmação, festejo.

O excedente das forças que compõem o 'senhor' resulta em uma moral de glorificação de si, confere nobreza, produz valores a partir do eu, o que implica em uma inovação de escala própria. Não se submete aos arranjos valorativos estabelecidos. Se, por um lado, o caminho individual traçado pelo 'senhor' lhe confere autonomia, por outro, cobra autodisciplina extrema, tendo em vista que aquele que formula seus próprios valores, comanda e obedece ao mesmo tempo, guarda em si uma guerra constante de si contra si mesmo.

---

<sup>5</sup>NIETZSCHE, F. JGB/BM, 198

O senhor compreende a própria existência como atividade, tem consciência que ser e agir são o mesmo, de modo que o “bom” da moral nobre não é conveniente ou inspira sentimentos altruístas. Se age deste modo, é pelo excesso de forças, potencializando-as em suas ações.

Este excedente de forças também se articula em primeiro lugar, com os heróis homéricos – a bravura, as ações e a ideia de que não se luta com um adversário que não esteja à sua altura: o ágon. Essa faceta se expressa de modo “característico da vontade de potência: mais próximo de um jogo do que da guerra total, a luta é sempre pela dominação, nunca pelo aniquilamento do adversário” (MARTON, 1990, p. 60). O inimigo é honrado na medida de sua possibilidade de guerrear.

O ‘senhor’ tem como uma de suas maiores faculdades o esquecimento, pois é capaz de agir. Esta ação se revela saudável física e psicologicamente – há “digestão” ou uma força plástica: ele se esquece, e por isso não lamenta o passado da forma como foi vivenciado, o que possibilita que o terreno se torne mais uma vez fértil para o crescimento da vontade de agir mais uma vez. O rancor, quando sentido pelo senhor, é logo esgotado por reação instantânea. Ocorre que, diametralmente oposto ao senhor, sobretudo no que diz respeito à vida, encontra-se o escravo, incapaz de agir por ser fraco. A não-ação implica no ressentimento em relação à vida e em uma memória indelével – não consegue esquecer suas desventuras e os erros. Deste modo, amaldiçoa a vida por ser cruel e ingrata, uma vez que todas as coisas, ele incluso, estão submetidas ao constante devir que ele não se encoraja a encarar. Cria-se então, um devir culpado, de modo que a própria existência das coisas se dimensiona pela expiação das faltas.

Por outro lado, a moral do escravo e seu respectivo perfil psicológico condiz com o homem comum e com povos que não tem o perfil do senhor, mas acima de tudo, são povos que entendem a vida como expiação. Fisiologicamente, o escravo é alguém fraco e incapaz de agir – não tem forças suficientes para revidar, por meio da ação, uma ofensa. O escravo não é capaz de se exultar pela ação, não pode agir no exterior. Incapaz de criar valores a partir de si para criar os valores, o escravo o faz por derivação, reativo à sua interpretação do senhor (NIETZSCHE, 2009)<sup>6</sup>. O ‘eu’ do escravo se constrói pela observação de um não-eu. Dessa forma ele pensa: “Tu és mau, logo eu sou bom”.

Acobertando suas forças que não podem se expressar pela ação, como se a força tivesse a opção de se manifestar ou não, o escravo transvalora os valores – não agir, torna-se um mérito, pede-se que a força não se expresse como tal. O “bom” do tipo escravo é um

---

<sup>6</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM, I,10

homem contido, obediente, domesticado, enquanto o “mau”, por outro lado, assim o é por manifestar-se livremente. O mau é sempre o outro – o senhor.

A imaginação do escravo projeta uma força apartada do que ela mesma pode, o que Nietzsche encara como uma ficção, uma vez que, para tanto é necessário estabelecer uma relação de causa e efeito das forças, de modo que sempre há uma causa separada dos efeitos. Para sustentar essa crença, o escravo imagina um sujeito como causador da ação, ou, em outros termos, acredita que o sujeito seria livre para agir ou não, tendo em vista que acredita na realidade fictícia em que a força pudesse optar por não agir. Há uma tentativa, pelo escravo, de neutralização da força por meio da condução de um domínio moral, de modo que se crie a ideia de uma submissão da força, imputando ao sujeito a posição de “culpado” por agir. O escravo, nessa medida, compreende suas fraquezas como virtudes: transvalora os valores.

Portanto, Nietzsche estabelece uma hierarquia de valores entre afirmadores e negadores da vida, o que denota, sobre a origem dos valores, uma dupla gênese simultânea: gênese recíproca de sua diferença de quantidade, gênese absoluta de sua qualidade respectiva (NIETZSCHE, 2009)<sup>7</sup>.

Os sentidos para o termo ‘nobre’ também podem ser encontrados em *Além de Bem e Mal*, em que o filósofo discorreu especificamente no último capítulo de sua obra, que trataremos logo adiante. Ao retomarmos a *Genealogia da Moral* e a dupla origem dos valores na origem – as duas morais passam a discernir de modo mais evidente a estreita relação com a vontade de potência e seu sentido, afirmativa e negativa, respectivamente. A moral do senhor intensifica a vida, enquanto a outra, a deprecia.

Por meio de sua investigação sobre o possível deslinde da moral nobre para a constituição de um homem que tem como substrato o homem homérico apreendido desde sua juventude. O termo ‘nobre’ veio sendo edificado ao longo do percurso das obras do pensador alemão. Este homem, o nobre, é esse homem superior que teria o poder de transvalorar a transvaloração dos valores criados pelo escravo; mostra-se potente o bastante para viver uma existência de modo afirmador da vida, um ser humano que não se sente culpado por sentir o que sente, (o que não significa que não tenha autodomínio); conhece seus próprios afetos, instintos, desejos e formula para si novos valores que tenham essa base como ponto de partida inicial.

O aforismo 287 de *Para Além de Bem e Mal*, atrela o conceito de nobre a aquilo que se refere ao aristocrático:

O que é nobre? O que significa hoje para nós a palavra "nobre"? Onde se revela, em que se reconhece, sob o pesado e anuviado céu do incipiente domínio da plebe,

---

<sup>7</sup>NIETZSCHE, F. GM/GM, 1,13

através do qual tudo fica opaco e plúmbeo, o homem nobre? - Não são os atos que o apontam - os atos são sempre ambíguos, sempre insondáveis -; também não são as "obras". Entre artistas e eruditos encontram-se muitos que revelam, com suas obras, o quanto um anseio profundo os impele em direção ao que é nobre: mas precisamente este necessitar do que é nobre é radicalmente distinto das necessidades da alma nobre mesma, e inclusive um sintoma eloquente e perigoso da sua ausência. Não são as obras, é a fé que aqui decide, que aqui estabelece a hierarquia, para retomar uma velha fórmula religiosa num sentido novo e mais profundo: alguma certeza fundamental que a alma nobre tem a respeito de si, algo que não se pode buscar, nem achar, e talvez tampouco perder. A alma nobre tem reverência por si mesma.<sup>8</sup>(NIETZSCHE, 2005, p. 174)

É interessante como a constituição filosófica desse sujeito, que será analisada em seus pormenores pelo presente trabalho, se comunica com o segundo conceito a ser estudado: o "indivíduo soberano".

Nossas pesquisas nos levaram à obra *Para Além de Bem e Mal* – e nela pudemos averiguar que o termo 'nobre', além do que explicitamos acima, também se coloca em oposição à figura do erudito e a do cientista que, por uma questão de espaço não trataremos aqui; à corrente utilitarista e às ideias modernas, de modo especial.

### **2.1.1. O 'nobre' em oposição à corrente utilitarista**

O utilitarismo pode ser caracterizado como uma corrente ética que busca analisar as ações humanas com o objetivo de garantir a felicidade ou o prazer para todos os homens ou, ao menos, para o maior número possível deles. Os princípios dessa corrente filosófica envolvem necessariamente ter como pressuposto uma valoração intrínseca do prazer ou da felicidade ao considerar uma ação.

Desse modo, a avaliação da correção ou incorreção do ato deve se dar ao analisar os efeitos por ele gerados (se produz felicidade, então é correta; se causa infelicidade, é incorreta) e, por último, se identifica como a busca por ações que englobem a todos, ou, quando isso não for possível, que atinjam o maior número de pessoas. Em outras palavras, o que é justo ou virtuoso, necessariamente conduz à maximização da felicidade de todos ou da maioria (CAILLE, 2001).

O primeiro expoente da corrente filosófica utilitarista é Jeremy Bentham, filósofo inglês e jurista que cunhou o termo "utilitarismo", cujo pensamento se exprime de tal forma que: "A natureza colocou o ser humano sob o domínio de dois senhores soberanos: da dor e do prazer. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que faremos" (BENTHAM, 1984, p. 3).

O segundo expoente, por sua vez, é John Stuart Mill, responsável pela continuidade da obra de seu antecessor, a quem coube a compreensão de que o utilitarismo se funda no

---

<sup>8</sup>NIETZSCHE, F. G/BM, 287

ideário moral de que a utilidade ou o princípio da maior felicidade deve guiar as ações, na medida em que são consideradas corretas aquelas que tenham como consequência mais felicidade e incorretas as que tendem a promover o seu reverso (MILL, 2009).

Para além dos dois filósofos principais, Herbert Spencer e o denominado darwinismo social contribuíram para constituição do utilitarismo, ainda que considerados os seus deslocamentos positivistas, uma vez que suas contribuições tornaram possível concluir que a ética utilitarista deveria pautar as ações corretas como aquelas que possuem a finalidade no prazer, de modo a conservar a vida. Assim, a própria evolução do homem o levaria a articular prazer e dever, tendo em vista que a autoconservação é dependente da busca pela felicidade e da abnegação de qualquer forma de dor. Desse modo, Spencer teceu uma analogia entre organismo e sociedade, em que os grupos de indivíduos, desenvolvendo suas funções individuais, quando vistos em conjunto viveriam em um estado de equilíbrio que subjaz da ética universal orgânica e não moral, uma vez que a tendência fisiológica é a responsável por articular prazer e dever.

O ponto fulcral na filosofia de Spencer para pensar o tipo nobre em oposição seria justamente esse último, tendo em vista que a tendência do organismo em buscar o prazer para se perpetuar se estende para o campo ético. A simpatia antagoniza com egoísmo, impulso primordial do homem causador da dor – que tende a ser evitada a todo custo, tendo em vista ser prejudicial para qualquer indivíduo –, de modo que a busca coletiva pelo prazer poderia se dar pelos pilares da justiça, piedade e generosidade.

Em *Para Além de Bem e Mal*, no aforismo 260, encontramos a definição do que é o nobre em oposição à corrente utilitarista:

"Nós, verdadeiros" - assim se denominavam os nobres na Grécia antiga. É óbvio que as designações morais de valor, em toda parte, foram aplicadas primeiro a homens, e somente depois, de forma derivada, a ações: por isso é um grave equívoco, quando historiadores da moral partem de questões como "por que foi louvada a ação compassiva?". O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abonado, ele julga: "o que me é prejudicial é prejudicial em si", sabe-se como o único que empresta honra às coisas, que cria valores. Tudo o que conhece de si, ele honra: uma semelhante moral é glorificação de si. Em primeiro plano está a sensação de plenitude, de poder que quer transbordar, a felicidade da tensão elevada, a consciência de uma riqueza que gostaria de ceder e presentear - também o homem nobre ajuda o infeliz, mas não ou quase não por compaixão, antes por um ímpeto gerado pela abundância de poder. O homem nobre honra em si o poderoso, e o que tem poder sobre si mesmo, que entende de falar e calar, que com prazer exerce rigor e dureza consigo e venera tudo que seja rigoroso e duro. (...) Os nobres e bravos que assim pensam estão muito longe da moral que vê o sinal distintivo do que é moral na compaixão, na ação altruísta ou no désintéressement [desinteressel; a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo, uma radical hostilidade e ironia face à "abnegação" os pertencem tão claramente à moral nobre quanto um leve desprezo e cuidado ante as simpatias e o "coração quente". - São os poderosos que entendem de venerar, esta é sua arte, o reino de sua invenção. A profunda reverência

pela idade e pela origem - todo o direito se baseia nessa dupla reverência -, a fé e o preconceito em favor dos ancestrais e contra os vindouros são algo típico da moral dos poderosos; e quando, inversamente, os homens das "ideias modernas" creem quase instintivamente no "progresso" e no "porvir", e cada vez mais carecem do respeito pela idade, já se acusa em tudo isso a origem não nobre dessas "ideias". O que faz uma moral dos dominantes parecer mais estranha e penosa para o gosto atual, no entanto, é o rigor do seu princípio básico de que apenas frente aos iguais existem deveres; de que frente aos seres de categoria inferior, a tudo estranho-alheio, pode-se agir ao bel-prazer ou "como quiser o coração", e em todo caso "além do bem e do mal" -: aqui pode entrar a compaixão, e coisas do gênero. A capacidade e o dever da longa gratidão e da longa vingança - as duas somente com os iguais -, a finura na retribuição, o refinamento no conceito de amizade, uma certa necessidade de ter inimigos (como anais de escoamento, por assim dizer, para os afetos de inveja, agressividade, petulância - no fundo, para poder ser bem amigo): todas essas são características da moral nobre, que, como foi indicado, não é a moral das "ideias modernas", sendo hoje difícil percebê-la, portanto, e também desenterrá-la e descobri-la. - É referente com o segundo tipo de moral, a moral dos escravos. Supondo que os violentados, oprimidos, prisioneiros, sofredores, seguros e cansados de si moralizem: o que terão em comum suas toda a situação do homem achará expressão, talvez, uma condenação do homem e da sua situação. O olhar do escravo não é favorável às virtudes do poderoso: é cético e desconfiado, tem finura na desconfiança frente a tudo "bom" que é honrado por ele gostaria de convencer-se de que nele a própria felicidade não é genuína. Inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz. a compaixão, a mão solícita e afável, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, a amabilidade recebem todas as honras - pois são as propriedades mais úteis no caso, e praticamente os únicos meios de suportar a pressão da existência. A moral dos escravos é essencialmente uma moral de utilidade. Aqui está o foco de origem da famosa oposição "bom" e "mau" - no que é mau se sente poder e periculosidade, uma certa terribilidade, sutileza e força que não permite o desprezo. Logo, segundo a moral dos escravos o "mau" inspira medo; segundo a moral dos senhores é precisamente o "bom" que desperta e quer despertar medo, enquanto o homem "ruim" é sentido como desprezível. A opressão chega ao auge quando, de modo consequente à moral dos escravos, um leve aro de menosprezo envolve também o "bom" dessa moral - ele pode ser ligeiro e benévolo -, porque em todo caso o bom tem de ser, no modo de pensar escravo, um homem inofensivo: é de boa índole, fácil de enganar, talvez um pouco estúpido, ou seja, un bonhomme [um bom homem]. Onde quer que a moral dos escravos se torne preponderante, a linguagem tende a aproximar as palavras "bom" e "estúpido". - Uma última diferença básica: o anseio de liberdade, o instinto para a felicidade e as sutilezas do sentimento de liberdade, pertence tão necessariamente à moral e moralidade escrava quanto a arte e entusiasmo da veneração, da dedicação, sintoma regular do modo aristocrático de pensamento e valoração. - Com isso pode-se compreender por que o amor-paixão - nossa especialidade europeia - deve absolutamente ter uma procedência nobre: é notório que ele foi invenção dos cavaleiros-poetas provençais, aqueles magníficos, inventivos homens do "gai saber (gaia ciência), aos quais a Europa tanto<sup>9</sup>. (NIETZSCHE, 2005, p. 157-158)

As críticas ao utilitarismo, particularmente à versão inglesa, sempre estiveram presentes nos escritos mais jovens de Nietzsche. Em primeiro lugar, é estabelecida desconfiança em relação aos objetivos do utilitarismo, pois a corrente filosófica, conforme já visto, equipara o conceito de "bom" ao que é útil e agradável, ou ainda, em última medida,

---

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM, 260.

prazeroso. Para Nietzsche, a promoção de uma vida centrada no conforto e bem-estar revela uma tendência à mediocridade, pois, em sua visão, há uma diferença entre a valoração do que é "bom" e do que é prazeroso entre os seres humanos.

Em seguida, Nietzsche critica o princípio utilitarista de diferenciação entre os valores de origem: o método genealógico ao identificar uma dupla origem dos valores que correspondem também à estrutura psicofisiológica, ou seja, há povos suficientemente fortes para enfrentarem o devir e o caos da vida, produzindo valores afirmativos e interpretando a vida como uma dádiva dos deuses (Senhores), enquanto outros povos são fracos e interpretam a vida como expiação (Escravos), acreditando que o sofrimento humano está inevitavelmente intrincado no espiral da culpa, ou seja, é causado pelo erro de alguém, de algum ancestral. Existem povos guerreiros que valorizam a intensidade da vida, enquanto outros não. Assim, a primeira crítica feita aos utilitaristas destaca sua ingenuidade ao proclamarem uma origem universal dos valores humanos.

Assim, a cisão entre Senhor e Escravo tecida na filosofia de Nietzsche é capaz de fornecer aporte teórico para compreender que o conjunto de valores do Senhor é marcado por crenças de superioridade e afirmações que exaltam a si mesmos e à vida, enquanto o Escravo nega veementemente a afirmação de si e busca apenas a sua conservação, depositando o valor da vida em "outro mundo" – ideário metafísico.

Além disso, para Nietzsche, a autenticidade do altruísmo é outra ilusão, pois a relação entre o altruísta e o objeto de sua ajuda na verdade revela que a ação é realizada apenas por motivos egoístas, para a satisfação pessoal daquele que age. A afirmação utilitarista de que o egoísmo é combatido pela simpatia revela-se mais um traço do próprio egoísmo.

Por fim, em relação à premissa de Spencer, Nietzsche retoma a analogia entre biologia e sociedade no sentido de organismo. No entanto, ele difere do pensamento inglês, porque de acordo com ele o caráter inteligível da vida é vontade de potência, de modo que todos os seres procuram se expandir o máximo possível, colocando a adaptação e a conservação em segundo plano. No interior de cada ser, há uma multiplicidade de forças ansiosas por exercerem domínio sobre todas as outras, formando constantemente hierarquias em luta interminável, moldando os órgãos do corpo. Esta concepção se opõe terminantemente à ideia de que o corpo é uma composição harmônica reiterada pela tradição filosófica.

Portanto, também não há a unicidade de uma moral baseada em uma fisiologia, como proposto pelo pensamento inglês. Não há apaziguamento, nem simpatia quando se trata da vontade de potência, da natureza orgânica que permeia toda a vida.

### **2.1.2.O 'nobre' em oposição às ideias modernas**

As críticas de Nietzsche direcionadas à cultura do Ocidente se dirigem majoritariamente ao ideário socrático-platônico e judaico-cristão. Nesse sentido, uma das chaves-de-leitura para interpretação da obra do autor é a identificação de que mesmo nas críticas contra a modernidade e o cientificismo, subjaz o entendimento de que o processo de degradação da vida em que caminha o homem tem como pano de fundo um problema político e moral sempre ancorado no cristianismo. Assim, quando critica movimentos sócio-políticos desde a democracia, perpassando socialismo, anarquismo e os ideais da revolução francesa, é certo que sua crítica se relaciona ao entranhamento de todos esses movimentos com a moral cristã (VIESENTEINER, 2006).

No que tange às propostas políticas modernas, especificamente, Nietzsche as denominará de “Pequena Política” e as caracterizará como pretenciosas em alcançar universalidade, baseadas essencialmente em ideais cristãos e humanistas. A busca pela igualdade, encontrada nos discursos modernos, deriva da concepção de que todos os seres humanos são criados à imagem e semelhança de Deus e que têm, portanto, uma condição inata de igualdade. Aos olhos do pensador, os ideais democráticos de igualdade se assemelham de todo modo ao movimento cristão, em busca da conformidade e conformação do homem ao sistema, aniquilando sua alteridade e degradando a vida, sobretudo porque têm a mesma origem fisiológica, corroborando as ideias do aforismo 260 de *Para Além de Bem e Mal*. Na mesma obra, lemos:

Chame-se ‘civilização’, ‘humanização’ ou ‘progresso’ àquilo em que se vê a distinção dos europeus; chame-se- simplesmente sem louvar ou censurar, e utilizando uma fórmula política, o movimento democrático da Europa: por detrás de todas as fachadas morais e políticas a que remetem essas fórmulas, efetua-se um tremendo processo fisiológico, que não para de avançar – o processo de homogeneização dos europeus, seu crescente libertar-se das condições em que surgem as raças ligadas a clima e classe, sua independência cada vez maior de todo o meio determinado (...) condições em que se produzirá, em termos gerais, um nivelamento e mediocrização do homem – um homem animal de rebanho, útil, laborioso, variamente versátil e apto (...) portanto, na criação de um tipo preparado para a escravidão no sentido mais sutil.<sup>10</sup>(NIETZSCHE, 2005, p. 134).

Para Nietzsche, na política secular encontramos substitutos para Deus. Ocorre que a crítica não se centra tão somente nos ideários democráticos, mas também nos socialistas e anarquistas, uma vez que para o autor, todos eles decorrem das mesmas condições fisiológicas: as forças reativas. Os ideais socialistas e anarquistas, ao pregarem a revolução e a busca por uma sociedade baseada na partilha comunitária, compartilham dos mesmos valores do cristianismo, como a não discriminação de pessoas, a igualdade e a rejeição da hierarquia e dos privilégios. Eles buscam fazer história em vez de serem moldados por ela,

---

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. JGB/BM, 242.

lutando contra o sofrimento e as atrocidades cometidas, revelando uma compaixão semelhante à do cristianismo, e se unem pela ideia de que somente como uma comunidade poderão alcançar a redenção (CILENTO, 2022).

Nietzsche, em sua postura à frente de seu tempo, é capaz de questionar inclusive o estatuto da ciência, que na modernidade pretende se equiparar e se sobrepor à religião, em busca de solucionar todas as questões humanas, em um aceno à inescapável herança metafísica comum aos ideais analisados. Desconfia da ideia de "progresso" e seus perigos intrínsecos, alerta que os ideais modernos encobrem o perfil psicológico do escravo que a eles subjaz. Em todos esses ideais, Nietzsche enxerga a perpetuação de um ideal de homem completamente adaptado aos modos de produção e reprodução de uma sociedade de massas, o que ele considera um rebaixamento e nivelamento da humanidade em escala global (GIACOIA, 2000).

A herança dos valores democráticos, provenientes da Revolução Francesa e fundantes das convicções políticas modernas: os lemas da liberdade, igualdade e fraternidade soam excessivamente cristãos, alinham-se à interpretação escrava da existência. A crítica subjacente aos ideais democráticos, como mencionado anteriormente, relaciona-se às condições fisiológicas, onde a ideia de abolir o sofrimento e associar a felicidade ao bem-estar e conforto, além de remontar os utilitaristas, reforça o instinto gregário. Os ideais democráticos, portanto, reverberam a degradação da vida que busca extinguir as diferenças e singularidades para instituir um tipo de homem adaptado ao sistema, útil e conformado, reafirmando o triunfo dos valores dos escravos ao longo dos séculos (CILENTO, 2022).

A fraternidade, nesse contexto, está intimamente ligada à igualdade, uma vez que aos olhos do Deus cristão, todos são iguais, sem preferidos. A proclamação de "direitos iguais" comum às ideias modernas buscou nivelar os seres humanos, ignorando suas singularidades, como se todos devessem ter os mesmos valores, desejos e estilo de vida. Essa abordagem negligencia o fato de que diferentes culturas atribuem significados distintos ao conceito de "bom". Isso também implica no perigo de que as ideias modernas se tornem tão opressivas quanto as tiranias declaradas, pois as grandes nações acabam intervindo em seu nome em outras culturas, dando cabo à violência e massacres em suposta defesa da democracia (CILENTO, 2022).

Aqui, mais uma vez, se revela o instinto judaico-cristão, que busca exterminar a desigualdade e não aceita outros modos de vida. Ao disseminar o valor da igualdade, essas ideias buscam conquistá-la por meio de movimentos ou revoluções, como fazem os socialistas. Para Itaparica, nesse sentido, essas abordagens têm a mesma origem - o cristianismo, que é visto como um "platonismo popular", como mencionado no prólogo de *Para*

*Além de Bem e Mal*. Essa visão cristã reproduz e populariza os ensinamentos de Sócrates, baseados em uma moral que associa o bem ao verdadeiro e ao belo, transferindo a perfeição para o mundo além e desvalorizando o mundo da experiência. Em outras palavras, a noção de igualdade, além de buscar eliminar as diferenças entre as pessoas, desvaloriza o mundo da realidade sensível, onde existem dor e sofrimento, sem considerar que esses são elementos da vida (ITAPARICA, 2004).

A noção de liberdade, por sua vez, é também distorcida para encontrar espaço como ideal democrático, uma vez que prescindem da ideia fictícia de sujeito causador da ação, o que remonta às malhas gramaticais investigadas por Nietzsche, desmanteladoras das relações cronológicas de causalidade. O conceito de liberdade é enganoso porque busca encobrir o fato de que para que alguns possam exercê-la, outros precisam ser dominados. É nesse sentido que exsurge o tipo “Senhor”, que portador de uma vontade forte, é capaz não somente de verbalizá-la, mas exercê-la em sua plenitude. A liberdade, longe de um sistema fechado, se encontra na multiplicidade das possibilidades imanentes da vida. O indivíduo, ao se encontrar consigo mesmo, afirma: “este sou eu”.

A liberdade em Nietzsche, de modo contrário aos ideais modernos, deve se dirigir a uma ideia de autotranscendência imanente, conforme aponta Francisco Freire. Isso quer dizer que para além do fatalismo condutor niilista, há uma interseção entre a necessidade e a liberdade, o ser humano é impulsionado a buscar o autoconhecimento, autodestruição e a autoconstrução. Agora, nosso interesse é resgatar a concepção de que a liberdade é uma conquista, algo que só é possível para aqueles que possuem uma vontade forte, ao contrário do que é propagado pelos ideais democráticos, os quais buscam nivelar todos os indivíduos. “Por isso, embora seja possível um horizonte de alternativas, a liberdade só pode ser conquistada pelos indivíduos que são dotados de uma vontade forte.” (FREIRE, 2021, p. 396).

Nietzsche propõe uma reflexão crítica sobre as ideias modernas, que se baseiam em valores cristãos e reforçam a mediocridade e a uniformidade dos indivíduos. Ele destaca a importância de compreender a influência da moral e da religião nas propostas políticas, bem como os perigos da igualdade niveladora e da busca por um progresso superficial. Sua análise aponta para a necessidade de uma transvaloração dos valores e uma busca pela verdadeira liberdade, que requer vontade de potência e autoconhecimento.

### **2.3. O “INDIVÍDUO SOBERANO”**

A aparição do termo “indivíduo soberano” cunhado por Nietzsche se dá de modo pontual em *A Genealogia da Moral*, quando trata sobre a cultura como a atividade genérica do homem.

Para compreensão desse conceito, ainda enigmático, sem qualquer pretensão à uma concepção linear ou teleológica da história, trata sobre três grandes períodos - **pré-histórico** do homem, da passagem do ser de natureza, para um ser de cultura que abriga o exercício de forças reativas por meio do adestramento e coerção a fim de possibilitar o aparecimento de um ser que consiga posicionar-se em direção ao futuro, que se torna capaz de fazer uma promessa. O **período histórico** compreende todo o processo civilizatório da cultura ocidental. No **período pós-histórico**, Nietzsche passa a vislumbrar também o fim imenso processo - quando a moralidade do costume e o adestramento em sociedade, quando as forças reativas se voltassem contra si próprias - que culminam na construção de seu verdadeiro fim, qual seja, um homem outro que fosse ativo, livre, autônomo<sup>11</sup>:

Encontramos então, como o fruto mais maduro de sua árvore, o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode *fazer promessas* – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência *do que* foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e realização. Este liberto ao qual é *permitido* prometer, este senhor do *livre-arbítrio*, este soberano – como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta – ele “*merece*” as três coisas – e como, com esse domínio sobre si, lhe é dado também o domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres da vontade?<sup>12</sup>(NIETZSCHE, 2009, p. 44-45)

Há indícios de que o “indivíduo soberano” em Nietzsche se relaciona com o seu mais bem consolidado ideário de “nobre”, que se dá especialmente quando, ao qualificar suas características, o filósofo ressalta que este homem pós-histórico usa a si mesmo como medida de valor, ou seja, apenas a partir de sua visão de si consegue realizar o juízo sobre os demais, um ideário que remete à moral nobre anteriormente abordada, que apenas consegue se edificar por si própria, de modo diametralmente oposto à moral escrava, sempre dependente de um outro para avaliar as balizas de sua própria existência.

O homem “livre”, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua medida de valor olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza, e tão necessariamente quanto honra seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer) – ou seja, todo aquele que promete como Um soberano, de modo raro, com peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que distingue quando confia, que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “Contra o destino” -; do mesmo modo ele reservará seu pontapé para os débeis doidivas que prometem quando não podiam fazê-lo, e o seu chicote para o mentiroso que quebra a palavra já no instante em que a pronuncia.<sup>13</sup>(NIETZSCHE, 2009, p. 45)

<sup>11</sup> Para maior esclarecimento sobre este tema, veja a tese de doutorado de Cilento.

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. GM/GM, II, 2

<sup>13</sup>NIETZSCHE, F. GM/GM, II, 2

Ainda, há que se ressaltar que a vontade de potência afirmadora, responsável pela capacidade em transvalorar novamente os valores em última análise, também pode ser sondada a partir da análise desse tipo homem estabelecido por Nietzsche em sua investigação genealógica. Sobre isso, na segunda dissertação da *Genealogia*, o filósofo se dedica a explorar os aspectos da consciência, uma vez que a concepção cultural ocidental edificou na figura do ser humano consciente, a possibilidade de exigir-lhe constância e confiabilidade.

Contudo, rememora que o homem tende ao esquecimento, mostrando que as grandes virtudes da moral nobre, o agir livre a partir dos próprios instintos, tornam-se degradadas quando por meio da cultura, o homem institui o medo como metodologia de imprimir em suas condutas, atitudes ordeiras e ordenadas de rebanho, distantes das vontades individuais. Interessa desvendar em que medida a compreensão dos conceitos de “nobre” e “indivíduo soberano”, bem como suas possíveis diferenças e convergências, podem colaborar a constituir uma filosofia mais robusta no que tange ao homem pós-histórico vislumbrado pelo filósofo.

O indivíduo soberano é, portanto, aquele que há de vir após a consolidação das fases pré-histórica e histórica, o produto da supressão completa da moral que emerge uma nova estética da existência já distanciada dos adestramentos, confinamentos, doenças de si mesmo que projetam a moral para a extirpação das forças da vida. O indivíduo soberano está livre das vozes dos tribunais, dos costumes, das leis, das tradições. É um transgressor que vivencia a vida enquanto experiência artística, apenas o vir-a-ser, um construto singular e em mutação constante. A semente do indivíduo soberano floresce na pós-história um homem independente, capaz de jardinar suas paixões, exaltar sua potência, reconhecer que tudo que existe é destinado a perecer e fundar sua existência em uma experiência estética. Em outras palavras, é um sujeito que não se ressentem com o caos, mas o toma como elemento indissociável da própria vida.

Longe das fantasias metafísicas, pela autossupressão e auto-superação, dá outros contornos mais potentes e livres para a própria existência. Faz arte com o que se impõe.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na primeira parte de nossa pesquisa, nos dedicamos a compreender as considerações sobre o termo “nobre” e “indivíduo soberano”, sob a perspectiva filosófica nietzscheana. A constituição filosófica do “tipo nobre” na filosofia de Friedrich Nietzsche foi analisada em seus pormenores pelo presente trabalho e mostrou se comunicar de forma significativa com o segundo conceito a estudado: o “indivíduo soberano”.

Nossas pesquisas nos levaram à obra *Para Além de Bem e Mal* – e nela pudemos averiguar que o termo ‘nobre’ se coloca, dentre outras contingências, em oposição à figura do erudito e a do cientista; à corrente utilitarista e às ideias modernas, de modo especial. Por esse motivo e em virtude da limitação de escopo do trabalho, nos detivemos, na segunda parte, em analisar as oposições mais relevantes entre a figura estudada e os princípios filosóficos utilitaristas, com seus principais expoentes ingleses, bem como aos ideais modernos.

Ao investigarmos a filosofia de Nietzsche, foi possível compreender o aparecimento do termo “nobre” desde *A Origem Da Tragédia* (1872) e outros escritos do seu período de juventude até as publicações de *A Genealogia da Moral* (1887) e *Além de Bem e Mal* (1886), escritos de sua maturidade. É na maturidade do filósofo, inclusive, que o termo “indivíduo soberano” aparece por uma única vez, na referida obra *A Genealogia da Moral* (1887). Foi a partir da análise rigorosa dessas obras e com o auxílio dos comentadores que tecemos as considerações sobre as interligações entre os dois termos na obra do autor.

Uma vez estabelecida a premissa de interligação entre os dois conceitos, haja vista que ambos estão presentes na fase madura do pensador, identificamos as características que permeiam a edificação de cada um dos dois termos, porque embora se aproximem, não são idênticos. O nosso problema de pesquisa, portanto, se debruçou sobre o estabelecimento das relações entre os termos “nobre” e “indivíduo soberano” no contexto da filosofia nietzscheana.

O termo “nobre”, conforme compreendemos, foi cunhado a partir dos estudos de Nietzsche em filologia, sobretudo os gregos homéricos e se estendeu para as obras de maturidade, antagonizando-se com a filosofia clássica tecida a partir do fenômeno socrático-platônico, com a tradição metafísica e de modo especial, com a filosofia utilitarista e com os ideais modernos, que aos seus olhos, tornam o homem medíocre e incapaz de suportar as vicissitudes da vida.

Por seu turno, compreendemos as semelhanças com o termo “indivíduo soberano” – este diz respeito a alguém portador de uma vontade forte, completamente singular e diferenciado dos demais, alguém que não se cristaliza, está sempre em mutação, alguém que detém poder sobre si mesmo e sua própria história. Em suma, foi possível inferir que o indivíduo soberano perpassou as etapas de autossupressão e auto-superação vividas nos períodos pré-histórico e histórico, tendo culminado em uma nova estética da existência pós-histórica, muito mais livre e potente.

Isso porque enquanto o termo “nobre” está ligado à história – em especial, elucidado à luz dos homens dos tempos homéricos na Grécia, o de “indivíduo soberano” está ligado a pós-história, não deve ser desarticulado das relações entre os períodos que a antecederam,

isto é, as fases pré-histórica e histórica.

É exatamente neste ponto que nossa pesquisa tentou contribuir, sobretudo tendo em vista que Nietzsche se revela como um dos grandes teóricos da cultura, o que implica em considerarmos as severas críticas quanto aos valores e aos rumos da história do ocidente, de modo que o esclarecimento destes conceitos se tornam seminais para a compreensão de importantes chaves-de-leitura de sua filosofia de modo mais rigoroso e sistemático.

Neste contexto, a elucidação sobre as aproximações e distanciamentos entre “nobre” e “indivíduo soberano” na obra do filósofo, levaram à compreensão mais robusta sobre as formulações sobre o homem e seus vislumbres para uma vida do agir-livre, que por sua vez, podem colaborar para a consolidação de percursos filosóficos relevantes à construção do sujeito pós-metafísico e as considerações sobre a estética da existência. A genealogia torna-se método de leitura da história, rompem-se os artificiais laços que constituem continuidade entre os eventos compreendidos cronologicamente no tempo. É possível então, por meio da genealogia, desvendar caminhos para a afirmação da vida e construção de um futuro mais potente.

#### 4. REFERÊNCIAS

BENTHAM, J. **Os Pensadores: Stuart Mill e Jeremy Bentham**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CILENTO, A. **EDUCAR PARA O CAOS: História, Cultura, Arte E Política Em E Para Além De Nietzsche**. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2022.

CAILLE, A. *O princípio de Razão, o Utilitarismo e o Antiutilitarismo*. In: **Sociedade e Estado**. Brasília, 2001. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922001000100003>>. Acesso em jul. de 2023.

FREIRE, Francisco. *A Liberdade Em Nietzsche: Autoconstrangimento, Autoconhecimento E Autocriação*. in **Revista SapereAude** – Belo Horizonte, v. 12, n.24, Jul./Dez.2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/26529/19164> acesso jul\2023.

GIACÓIA, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000.

ITAPARICA, André Luís Mota. *A Crítica Nietzscheana À Democracia*. In: **Revista Ethica** Rio De Janeiro, V.11, n.1 e 2, 2004.

MARTON, S. **Nietzsche – Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

MILL, S. **Utilitarismo**. São Paulo: Escala, 2009.

NIETZSCHE, F. **A Genealogia Da Moral: Uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral.** In: O Livro do Filósofo. São Paulo: Ed. Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. **Para Além Do Bem E Do Mal: Prelúdio A Uma Filosofia Do Futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. **A Grande Política em Nietzsche.** São Paulo: Anna Blume, 2006.

**Contatos:** [lorenagoliveira15@gmail.com](mailto:lorenagoliveira15@gmail.com) e [angela.rezende@mackenzie.br](mailto:angela.rezende@mackenzie.br)